

ISSN 2595-8801



Volume 2  
n° 02  
(2019)

Unilogos®  
7950 NW, 53rd Street (Suite 337)  
Miami, FL (USA)

REVISTA CIENTIFICA

# COGNITIONIS

*suae quisque fortuna faber est*

  
**LOGOS UNIVERSITY  
INTERNATIONAL®**



## **PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA E APRENDIZAGEM: IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Autora: Regina Daucia de Oliveira Braga

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Camila Barreto

## **WRITING LANGUAGE PSYCHOGENESIS AND LEARNING: IMPLICATIONS FOR THE LITERACY PROCESS**

Author: Regina Daucia de Oliveira Braga

Advisor: Dr<sup>a</sup> Camila Barreto

### **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo discutir os caminhos e as implicações da aprendizagem da língua escrita, partindo dos preceitos psicogenéticos fundamentados por Ferreiro (FERREIRO, TEBEROSKY, 1999) e de diferentes pesquisas nesta área (LIMA 1993; MORAIS, 2005) em contexto de escola comum.

Palavras-Chave: Psicogênese, Alfabetização e Desenvolvimento

### **1- INTRODUÇÃO**

O presente artigo, de natureza bibliográfica, traz interlocuções de diferentes autores sobre a aprendizagem da língua escrita, partindo dos preceitos psicogenéticos fundamentados por Ferreiro (FERREIRO, TEBEROSKY, 1999). Aborda também as implicações dessas interlocuções para a emergência de

estratégias de ensino pelos professores, de tal modo que oportunize o acesso e a construção de conhecimentos significativos para os educandos quanto a língua escrita em contexto de sala comum.

Tendo sido aluna de Piaget, Emília Ferreiro, embasada nas descobertas do mestre, pautou seus estudos nesses achados e investigou de forma aprofundada os processos de aprendizagens da leitura e da escrita. As discussões trazidas pela autora apresentaram alterações teóricas importantes sobre os caminhos pelos quais as crianças perpassam para dar sentido a sua pauta escrita.

Tais discussões e achados empíricos/experimentais impulsionaram posteriormente uma geração de pesquisadores e profissionais a pensar sobre o processo de alfabetização tendo como foco esse sujeito que aprende e reflete sobre sua própria aprendizagem;

refletir sobre esse espaço de aprendizagem em que o sujeito (aluno) se aproprie de estratégias que favoreçam sua aprendizagem, bem como qual seria esse contexto que pode promover a aprendizagem, mas que também pode desconsiderar o repertório conceitual que a criança traz antes de ingressar na escola, e qual seria esse repertório. Sobre este espaço de aprendizagem da língua escrita, Ferreiro (1996, p.24), afirma que “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social”. E como tal deve permitir, sobretudo, a interação com o objeto cultural que é a escrita.

Os estudos de Emília Ferreiro (1999), fomentaram a mudança sobre o espaço escolar no modo como viam a relação ensino e aprendizagem, deslocando o olhar de como se ensina para como se aprende, impulsionando a Escola comum a se reconstruir.

No Entanto ao desenvolver sua pesquisa, por volta de 1970, Ferreiro deparou-se com uma criança no sentido amplo que não havia sido descrita nos estudos de Piaget ou como ela mesma relatou não a encontrava diante de si e de seus achados. E por haver encontrado em nos acervos literários e bibliográficos uma cisão que dividia em grupos pensadores sobre a alfabetização, onde no primeiro, a psicologia elencava habilidades necessárias para a aprendizagem e no segundo, a pedagogia mantinha a discussão sobre qual seria então o melhor método para ensinar a ler e a escrever, Mello (2003), concluiu então que o processo

de alfabetização é iniciado e nunca concluído inteiramente.

No Brasil a Educação vem sofrendo mudanças ao longo dos anos e nesse processo a descoberta da Pesquisadora veio mostrar as carências e as necessidades reais dos que aprendem, e não obstantes as dos que ensinam. Pensando assim, buscamos considerar as características da escrita infantil a partir da exposição do quatro níveis da psicogênese da escrita e o papel do professor nessa interface, no intuito de nos posicionarmos sobre a óptica da estudiosa ao perceber tais características de aprendentes e ensinantes no processo da lecto-escrita, e a influência que tal pensamento exerceu entre os educadores brasileiros.

## **2- REFERENCIAL TEÓRICO**

Será feita uma revisão de alguns aspectos relevantes dos estudos sobre a Psicogêneses da Língua Escrita onde será abordado de forma sucinta a relevância desse estudo para a compreensão real do processo ocorrido internamente na criança para que ela atinja a competência da escrita.

### **2.1A CONTRIBUIÇÃO DOS NÍVEIS DA PSICOGÊNESE DA LINGUA ESCRITA PARA A REFLEXÃO SOBRE A ALFABETIZAÇÃO NAS ESCOLA BRASILEIRAS**

Conforme estudos sobre a educação no Brasil percebeu-se que de acordo com o aumento ou o



ingresso de alunos nas escolas, mais crescia o índice de reprovação e com este evento buscou-se um culpado. Weisz (1999. p.ix), apresenta um argumento pertinente, embora não se deva parar a reflexão diante das mazelas que acomete a realidade educacional no país, cita:

*Diante da derrota impôs-se a necessidade de mudanças radicais. Uma unanimidade nacional que - na ausência de instrumentos para repensar a prática falida converteu-se em caça aos culpados. Ninguém escapou do banco dos réus: os alunos por serem subnutridos, carentes, deficientes. A escola por ser uma inexorável máquina de reprodução das relações de poder. O professor por ser mal pago, malformado, incompetente.*

Partindo da constatação feita pela autora acima citada de que os culpados seriam os responsáveis pelo fracasso escolar de si mesmos e não da maneira errônea como se abordava os resultados dessa forma de alfabetizar foi que Ferreiro disse que faltava na história da alfabetização uma revolução conceitual. E foi isso que ela fez, revolucionou a forma de avaliar, ensinar e acompanhar o desenvolvimento da leitura e da escrita. Emília Ferreiro ampliou as possibilidades de compreensão de cada um dos envolvidos no processo para alfabetização, isto é, alunos, professores e escola. A pesquisadora concluiu que há duas formas de se

conceber a escrita, ou seja; como representação da linguagem ou como um código de transcrição de unidades sonoras (fonemas), Ferreiro (2010).

Ferreiro (2010, 1999), defende que a aquisição da escrita não está atribuída às manifestações do meio, mas sim aos processos internos de assimilação decorrentes do desenvolvimento cognitivo, afirma (BARRETO-SILVA, 2016).

A aquisição da escrita é constituída pela construção de hipóteses expostas por meio de “erros” construtivos – os “erros” segundo Chartier (ao escrever a apresentação do livro de Cardoso (2002) referem dificuldades enfrentadas pelas crianças, bem como, soluções para a resolução de problemas e/ou tomada de consciência (BARRETO-SILVA, 2016).

É apropriado lembrar que Ferreiro (2010) não rejeitou a influência do meio para o alcance da escrita – a criança, por meio de transformações intrínsecas, mobiliza suas hipóteses para tentar interpretar o que está escrito nos meios grafocêntricos. Em suas palavras:

*[...] o escrito aparece, para a criança como objeto com propriedades específicas e como suporte de ações e intercâmbios sociais. Existem inúmeras amostras de inscrições nos mais variados contextos [...]. Os adultos fazem anotações, leem cartas, comentam os periódicos [...]. Produzem e interpretam a escrita [...]. É evidente que, por*

*si só, a presença isolada do objeto e das ações sociais pertinentes não transmitem conhecimento, mas ambas exercem uma influência, criando as condições dentro das quais isto é possível [...] a criança procura compreender a natureza destas marcas especiais (FERREIRO, 2010, p. 44).*

Chartier, Clesse, Hébrard (1996, p. 27), confirmando os pressupostos supracitados, afirmam que as crianças, antes de chegarem à escrita convencional, percorrem um caminho que parte, a priori, da percepção de que existem “coisas escritas”. A compreensão da mensagem dessas escrituras, embora ainda elementar, se manifesta mesmo sem ainda dominarem o sistema, e decorre pelo fato das crianças veem os adultos utilizá-las, lendo ou escrevendo (BARRETO-SILVA, 2016).

Nos textos, livros e produções da pesquisadora, pistas e jeitos ressaltantes do processo de aquisição da linguagem escrita por parte da criança, observando pontos de conflito no ambiente da escola que se propõe a alfabetização ela parece fazer uma censura tanto aos vários testes usados para aferir a maturidade desta, quanto da mesma forma se opõe aos métodos analíticos e sintéticos, que predominavam e ainda predominam nos sistemas de ensino.

Foram assim, portanto, definidas então, 04 níveis na evolução da escrita conforme o estudo desenvolvido por ela, são eles: (1) Hipótese pré-silábica, Hipótese

Silábica, Hipótese Silábico-Alfabética e por fim Hipótese Alfabética. Nessas etapas ela descreve o comportamento das crianças diante do ato de representar graficamente o pensamento através da leitura e da escrita. E nesses níveis aqui referidos, a autora faz o percurso adotado pela criança onde esta, inicia o processo construtivo da alfabetização sem diferenciar letras e números, representando-os graficamente como forma de imitação dos signos.

Conforme as crianças evoluíam em suas notações, cada letra ou pseudo letra por elas apropriada já sinalizava um significado, este nível também permitia avanços e com isso a criança percebia a sonoridade do grafema e compreendia que em algumas situações as letras mantinham ou assumiam valor sonoro dentro da pauta escrita. Por fim, no nível que ela classificou como Hipótese alfabética, a criança já atingiu a compreensão do sistema de escrita e nesse momento já tem condições de resolver dificuldades da língua materna tais como: ortografia, plural, separação de palavras, entre outras.

Morais (2005) vêm ratificar que a teoria que propõe Emília Ferreiro e Ana Teberosky, é a única que complementa a preocupação piagetiana de buscar a origem do conhecimento e mostra que as estudiosas ao seguirem a rota do pensamento de Piaget no tocante a aquisição de novos saberes, encontraram um novo conceito sobre o conhecimento pela criança.

Confirmam que um novo saber sobre o sistema alfabético não emerge do outro, do fora, tampouco de informações exteriores oriundas de terceiros, mas que esse saber nasce das relações e correlações que aquele que aprende produz a partir de conhecimentos pré-existentes, que o impulsiona a adquirir novos conceitos e no caso, hipóteses para ler e para escrever. Afirma ainda que:

*[...] numa óptica claramente construtivista, a teoria propõe que, no percurso evolutivo já tão conhecido de muitos educadores (etapas pré-silábica, silábica, silábica-alfabética e alfabética), a criança formula (hipóteses) diferente para duas aquela duas questões conceituais básicas... Isto é, ela constrói respostas próprias, não ensinadas pelo adulto, para as questões **o que a escrita representa/nota, e como a escrita cria representações/notações?** (MORAIS, 2005, p. 53, grifos do original).*

É válido ressaltar que o trabalho da Psicogênese da Língua escrita no Brasil possibilitou o reconhecimento e avaliação dos níveis conceituais de escrita. Entretanto, como ressalta Coutinho (2005, p. 64), ainda são poucos os profissionais que apresentam clareza de como esse trabalho transformou os parâmetros que norteavam o processo de alfabetização “ou mesmo para interpretar as escritas de seus alunos e ajudá-los a superar desafios”. O autor também esclarece que, embora conhecer a teoria seja fundamental, é insuficiente para o desenvolvimento de

um trabalho voltado para a alfabetização, haja vista que apenas o contato com textos e atividades de leitura e produção não garantem a aquisição da hipótese alfabética. Segundo o autor, faz-se necessário desenvolver um trabalho diário e, sobretudo, sistemático que proporcione aos alunos refletirem sobre a língua escrita (BARRETO-SILVA, 2016).

Isto posto, fica perceptível que a alfabetização a partir das pesquisas de Emília Ferreiro, é conceituada com um processo de construção, que é iniciado muito antes da criança ir à escola, sendo algo contínuo. Nessa nova visão fica claro que o papel ora adotado pelo professor carece de mudanças posturais profundas uma vez que o ato de alfabetizar corresponde a “[...] construir conhecimento. Portanto para ensinar a ler e a escrever faz-se necessário compreender que os/as alfabetizando/as terão que lidar com dois processos paralelos: as características do sistema de escrita e o uso funcional da linguagem” (FREIRE, 2014, p. 2).

Corroborando com essa afirmação de Freire, Ferreiro (1999) diz que a concepção de aprendizagem segundo a psicologia genética supõe que haja outras formas do sujeito aprender que não seja exclusivamente através de métodos enquanto uma ação específica, e, que estes podem a seu modo ajudar ou dificultar o processo, mas não pode criar aprendizagem. Confirma ainda que a aquisição de conhecimento é resultado da ação do sujeito em relação a este

conhecimento. Diante desta constatação, compreendendo-se que a criança passa pelos níveis já descritos e a forma com aprendem e lidam com o conhecimento, novos problemas surgem associados à estruturação da língua, tais como: segmentação, ortografia, acentuação, e grandes equívocos são cometidos como é o caso da retirada de conteúdo do currículo da alfabetização que são necessários para o desenvolvimento de habilidades e consciência fonológica (MORAIS, 2005).

Por este evento foi que Soares (2004), utilizou o termo “desinvenção” da alfabetização, dada a abolição de conteúdo específicos que antecedem e preparam para a compreensão do sistema de escrita. Morais (2005) estabelece ainda que a criança precisa compreender as propriedades da língua e destaca os conhecimentos específicos necessários à essa compreensão, sendo imprescindível que ela saiba que: se escreve com letras, que não se pode inventar letras, a quantidade de letras do alfabeto, que letras são diferentes de números e outros signos e símbolos, etc.

Outro grande engano foi terem interpretado mal a psicogênese tornando assim os níveis conceituais linguísticos em método e conforme Mendonça e Mendonça (2005, p.45) “[...] nem o construtivismo, nem a psicogênese da língua escrita são métodos, mas ainda hoje é comum, ao se questionar um alfabetizador sobre qual é o seu método de ensino, obter-se-á a resposta: método construtivista”.

Uma série de equívocos se sucedeu, desde a entender que o aluno aprende só e que o professor não precisa intervir até a “proibição” do professor em não poder corrigir o aluno (MENDONÇA e MENDONÇA, 2011).

Diante dessas incoerências é preciso ter lucidez das consequências decorrentes da má interpretação da Psicogênese da Língua Escrita. Daí a importância da formação do professor alfabetizador no contexto de práticas educadoras construtivas que promovam o pensar e o agir diante da língua falada e escrita.

## **2.2 O PAPEL DO PROFESSOR**

Nos últimos vinte anos as pesquisas vêm mostrando que as práticas alfabetizadoras estão se pautando em diferentes estratégias, dentre elas a memorização das correspondências entre sons e letras, o que resulta num empobrecimento da aprendizagem da língua. Como consequência, prática e resultados vêm sendo questionados. Abreu (2000, p.7) afirma que “a alfabetização é uma aprendizagem mais ampla e complexa do que o ‘bê-a-bá’”. E nesta compreensão mais abrangente dos conteúdos da alfabetização entendeu-se que para além de aprender sobre letras, os alunos deveriam também aprender sobre os diversos usos e as formas da língua que existem num mundo onde a escrita é um meio essencial de comunicação, um objeto cultural.

Em face dessa nova propositura deve então o professor buscar renovar



sua prática, propondo uma nova prática de ensino que implica ou possibilita ao aluno pensar e repensar o objeto a ser conhecido findando assim na consolidação de um saber.

O papel do professor então está em saber conhecer as necessidades do aluno e prover meios para que essa aprendizagem se dê de forma autônoma. Rubem Alves em entrevista ao canal Youtube diz: “Estou pensando em propor um novo tipo de professor, um professor que não ensine nada, não é professor de matemática, de história, geografia, é um professor de espantos!”. Diz ainda Rubem Alves: “O objetivo da educação não é ensinar coisas, porque as coisas já estão na internet, estão por todos os lados, lugares, estão nos livros. É ensinar a pensar. É criar na criança a alegria de pensar”<sup>1</sup>.

Nesse sentido, construir conhecimento é perceber que a criança tem seu próprio tempo e interesses e esses quesitos precisam ser respeitados. A precisa intervenção pedagógica permite ao professor acompanhar o aluno e dessa forma mediar a construção de significados ao sentido do que aprende. Daí o lugar importante assumido pelo professor na construção dessa aprendizagem, onde ele vai orientar os estudantes a realizar atividades que favoreçam sua maturidade, Gómez (2014).

Tardif (2002), explica que nos tornamos professores pelas

experiências que vivemos durante nossa vida acadêmica, profissional e cotidiana. Assim, diante das afirmativas é possível compreender que a relação entre os saberes docentes e os saberes escolares consiste na problematização.

Com respeito ainda ao papel do professor Freire (1986), aponta para o educador com um libertador que nunca pode manipular seus alunos e muito menos larga-los a própria sorte, diz, a partir de sua própria prática que este professor deve assumir um papel que chamou de diretivo para educar, e que essa diretividade não deveria ser impositiva, mas uma postura que propunha reflexão sobre o objeto estudado. Ele admite ainda que muitos professores temem mudar suas práticas, e mostra com sua própria atuação que “quanto mais você reconhece que seu medo é consequência da tentativa de praticar seu sonho, mais você aprende a pôr seu sonho em prática” (FREIRE, 1995, p.71). Kramer (2010, p.100), ratifica essa afirmativa de Freire dizendo que: “A definição do papel desempenhado pelo alfabetizador depende da função atribuída à própria alfabetização”.

Do apanhado teórico, depreende-se então que o papel do professor é mediar, provocar, fomentar, estimular, fazendo com que o aluno esteja motivado para a descoberta dos saberes.

---

<sup>1</sup> Retirado do Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=9jyNv42gXU>. Em 24.09.2016.



Nos últimos vinte anos as pesquisas vêm mostrando que as práticas alfabetizadoras estão se pautando apenas na memorização das correspondências entre sons e letras, o que resulta num empobrecimento da aprendizagem da língua. Como consequência, prática e resultados vêm sendo questionados. Abreu (2000, p.7) afirma que “a alfabetização é uma aprendizagem mais ampla e complexa do que o ‘bê-a-bá’”. E nesta compreensão mais abrangente dos conteúdos da alfabetização entendeu-se que para além de aprender sobre letras, os alunos deveriam também aprender sobre os diversos usos e as formas da língua que existem num mundo onde a escrita é um meio essencial de comunicação.

Em face dessa nova propositura deve então o professor buscar renovar sua prática, propondo uma nova prática de ensino que implica ou possibilita ao aluno pensar e repensar o objeto a ser conhecido findando assim na consolidação de um saber.

O papel do professor então está em saber conhecer as necessidades do aluno e prover meios para que essa aprendizagem se dê de forma autônoma. Rubem Alves em entrevista ao canal You tube diz: “Estou pensando em propor um novo tipo de professor, um professor que não ensine nada, não é professor de matemática, de história, geografia, é

um professor de espantos!” Diz ainda Rubem Alves: “O objetivo da educação não é ensinar coisas, porque as coisas já estão na internet, estão por todos os lados, lugares, estão nos livros. É ensinar a pensar. É criar na criança a alegria de pensar”!<sup>2</sup>.

Nesse sentido, construir conhecimento é perceber que a criança tem seu próprio tempo e interesses e esses quesitos precisam ser respeitados. A precisa intervenção pedagógica permite ao professor acompanhar o aluno e dessa forma mediar a construção de significados ao sentido do que aprende, Gómez (2014, p.86) diz:

*O professor tem um lugar importante na construção da aprendizagem (...). A importância do professor que orienta os estudantes é muito grande. Eles têm que saber como as atividades que realizam com as crianças favorecem a sua maturidade. Por isso, um estudante não só deve saber o que fazer e como fazer, mas também para que está fazendo.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo vem com um breve panorama sobre os passos da psicogênese da língua escrita buscando promover a ampliação da compreensão desses processos de aprendizado e como essas descobertas contribuem para a

---

<sup>2</sup> Retirado do You tube. <https://www.youtube.com/watch?v=9jyNv42gXU>. Em 24.09.2016.

qualidade para o desenvolvimento das crianças no seu procedimento de alfabetização.

Porém ao que parece, nem todos que precisam estar apropriados dessa compreensão o estão. Visto que a realidade dos fatos atual é uma grande e significativa parte dos alunos analfabetos ou alfabetizados sem condições de fazerem uso social dessa alfabetização. E, foi essa mesma situação que levou Emília Ferreiro e Ana Teberosky a revolucionarem o conceito de alfabetização na Espanha e que se espalhou pela América do Sul.

A luta contra a evasão, a exclusão dentro do espaço escolar ainda é bem presente. Houve avanço no âmbito do sistema educacional, programas foram implantados, contudo, permanecemos com indicadores de analfabetismo ainda significativos, dados do IBGE confirmam que 18 milhões de brasileiros não sabem ler ou escrever, contudo afirma que a taxa caiu de 12,8% para 9% em 2010.

Com o estudo para este artigo obteve-se maior entendimento sobre a temática e, por conseguinte a compreensão de que se alfabetiza letrando, que tanto a caracterização do sistema de escrita e o uso funcional da linguagem, embora sejam processos paralelos precisam andar de mãos dadas. E o sucesso vai depender do nível de letramento do ambiente social ou escolar em que a criança está inserida.

Espera-se que este estudo não se encerre aqui, que possa ser dado segmento a novas inquietações e que venha a fomentar novas pesquisa e novas descobertas.

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Ana Rosa Et Al. Alfabetização – Livro Do Professor. Projeto Escola Ativa. Fundescola. Brasília: Mec / Sef, 2000.

ALFABETIZAÇÃO: Livro do Professor./Rosa Abreu... [et. al.] Brasília: FUNDESCOLA/SEF-MEC, 2000. 176 p.

ALFABETIZAÇÃO: apropriação do sistema de escrita alfabética / organizado por Artur Gomes Morais, /Eliana Borges Correia de Albuquerque, Telma Ferraz Leal . — Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 168p. ISBN 85-7526-153-3 1.Educação. 2.Alfabetização. I. Morais, Artur Gomes. II. Albuquerque, Eliana Borges Correia de. III. Leal, Telma Ferraz. IV.Título.

FERREIRO, Emília. **A estudiosa que revolucionou a alfabetização.** Disponível em:<<http://novaescola.org.br/conteudo/338/emilia-ferreiro-estudiosa-que-revolucionou-alfabetizacao>>

\_\_\_\_\_, **Psicogenese da lingua escrita pdf.** Disponível em: <<http://br.librosintinta.in/psicogenese-da-lingua-escrita-pdf.html>>

\_\_\_\_\_, **A contribuição do pensamento de Emília Ferreiro para a história da alfabetização no Brasil/** Márcia Cristina de Oliveira Mello/ Mestranda em Educação - Faculdade de Filosofia e Ciências –UNESP- Campus de Marília/SP. Disponível em: <[http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbh\\_e2/pdfs/Tema4/4103.pdf](http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbh_e2/pdfs/Tema4/4103.pdf)>.

\_\_\_\_\_, Letramento e Alfabetização: psicogênese ou sociogênese, quais os caminhos da apropriação da escrita? Flávia da Silva Castro, orientadora Maria Helena Menna Barreto Abrahão. Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Galvão, Andréa e Ferraz, Telma. Há lugar ainda para métodos de alfabetização? Conversa com professores (as). IN: MORAIS, Artur Gomes de, ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de e LEAL, Telma Ferraz (orgs.). *Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. P. 11-28. Disponível em: <[http://www.pucrs.br/edipucrs/IVmostra/IV\\_MOSTRA\\_PDF/Educacao/72014-FLAVIA\\_DA\\_SILVA\\_CASTRO.pdf](http://www.pucrs.br/edipucrs/IVmostra/IV_MOSTRA_PDF/Educacao/72014-FLAVIA_DA_SILVA_CASTRO.pdf)>

Psicogênese Da Língua Escrita: Contribuições E Equívocos (Psychogenesis Written Language:

Contributions And Misconceptions) Franciele Adriana Da Silva<sup>1</sup>; Alessandra Corrêa Farago<sup>2</sup>. Disponível Em: <<https://www.Serdigital.Com.Br/Gerenciador/Clientes/Ceel/Arquivos/20.Pdf>>

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

**GÓMEZ. Ana Maria Salgado. TERÁN, Nora Espinosa. Transtornos de Aprendizagem e Autismo. Editora Grupo Cultural. ISBN 9788483693186 EAN: 9788483693186. Ano edição: 2014. Número edição: 1, Páginas: 575.**

IBGE-Dados demográficos 2010. Disponível em: <<http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/educacao.html>>.

KRAMER, Sônia. Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso. São Paulo: Ática, 2010.

RIBEIRO, Lourdes Eustáquio Pinto. **Para casa ou para sala?/**Lourdes Eustáquio Pinto Ribeiro; [ilustrações de Celso Marcelo Kodama].—São Paulo : Didática paulista, 1999. – (Proposta didática de alfabetização).

LIMA, Adriana Flávia Santos de Oliveira. Pré-escola e alfabetização: uma proposta baseada em Paulo Freire e Jean Piaget. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 228 p.10.

MENDONÇA, O. Schwartz e MENDONÇA, O. Correa. Psicogênese da

Língua Escrita: Contribuições, equívocos e Consequências para a alfabetização. Unesp, Presidente Prudente e Assis, p3. 36-57, 2011.

TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional Petrópolis: Vozes, 2002.

WEISZ, Telma. A Alfabetização nunca termina. Nova escola, março, p. 29, 2006.

<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema4/4103.pdf>